




3. A DIVERSIDADE NA SALA DE AULA: um desafio sempre actual

A nossa escola está diferente. Na sala de aula, nos corredores, no pátio do recreio ou no campo de jogos, há crianças, adolescentes e jovens nascidos aqui e outros vindos de outros lugares. E esta diferença é uma riqueza muitas vezes por explorar.

Os professores, na sua missão educativa, sentem por vezes inúmeras dificuldades em gerir este "mosaico multicolor". Integrar estas crianças, abrir-lhes as portas de um futuro melhor, dar a todas um sentido de vida e de oportunidade, não é tarefa fácil. Conseguir que entre todos, mais que simples respeito, haja solidariedade e amizade verdadeira, fazer crescer uma comunidade de amigos, construir actividades em que todos tomem parte, é campo maravilhoso para uma educação que se pretende diversificada e inclusiva.

São inevitáveis as questões: **Qual a importância do desenvolvimento de uma pedagogia diferenciada ? Como incluir todas as crianças numa aprendizagem com sucesso? Qual o papel da criança? E o do professor?**

É impossível ignorar que as salas de aula têm vindo a tornar-se cada vez mais heterogenias. Temos de reconhecer que estas diferentes pertenças são uma fonte de riqueza inesgotável.

A tarefa actual da escola é conseguir reconhecer as diferenças, não só culturais mas também ao nível dos diferentes ritmos e estilos de aprendizagem, de interesses e de capacidades,  na pluralidade dos seus alunos, e encontrar estratégias de adaptação e desenvolvimento que a todos respeite e a todos *inclua*.

É um desafio que compete a todos nós adoptar no sentido de caminharmos cada vez mais para uma sociedade em que sejam formados indivíduos responsáveis, críticos, actantes e solidários, conscientes dos seus direitos e deveres.

3.1 Diferenciar: qual o seu significado? Como diferenciar? Com que finalidade?

«Diz-me e eu esquecerei
ensina-me e eu lembrar-me-ei
envolve-me e eu aprenderei ».

Provérbio chinês

Como todos sabemos, há entendimentos muito diferentes acerca de um mesmo conceito, sobretudo quando se trata da sua aplicação prática. Mesmo que haja consensos ao nível teórico, a forma como esses aspectos são postos em prática diverge e acaba por trair, muitas vezes, os princípios educativos que estiveram na sua génese.

Relativamente no que concerne ao conceito de «diferenciação», hoje tanto em moda, tem sido alvo de inúmeros equívocos.

Importa clarificar o que estamos a dizer quando falamos de diferenciação. Porquê e como diferenciamos o ensino? A quem se dirige a diferenciação? Apenas aos alunos «diferentes»?

É hoje consensual que todos os alunos são diferentes, ou seja, que têm relações diferentes com o saber, interesses diversos, estratégias, ritmos e estilos próprios de aprendizagem. Embora a ilusão das turmas homogêneas comece finalmente a desvanecer-se no discurso racional dos professores, a verdade é que, muitas vezes na prática, inconscientemente, continua a tentar-se homogeneizar, quer através da constituição de turmas por níveis supostamente idênticos de aprendizagem, quer dentro da própria turma, pela divisão em sub-grupos, também supostamente homogêneos para facilitar o ensino do professor.

É disto que se trata quando se fala, muitas vezes em diferenciação. Mas esta é uma perversão do sentido pedagógico da diferenciação porque mantém a lógica do ensino simultâneo.

Por outra via, parece existir um entendimento cada vez mais estabilizado da ideia de que o aluno deve ser um sujeito activo e protagonista do seu processo de desenvolvimento e formação. Importa por isso, que as formas e/ou modelos de organização do seu trabalho sejam também capazes de, pela sua diversidade, enquadrar positivamente essas diferenças.

O grande desafio que se nos coloca actualmente é o de deixarmos de estar tão preocupados em ensinar e o de criarmos, pelo contrário, condições efectivas para que os alunos aprendam. Esta deslocação do enfoque no ensino para a aprendizagem dos alunos implica, necessariamente a aplicação de estratégias de diferenciação. Faz-se diferenciação pedagógica, percebendo os diferentes estilos de aprendizagem de cada aluno e actuando segundo eles. É importante prevenir em vez de remediar, aplicar a vacina em lugar de tomar o antibiótico. Uns aprendem melhor se ouvirem, outros se visualizarem, outros se experimentarem, mas todos aprendem melhor se usarem uma estimulação multissensorial. A diversidade de actividades poderá dar oportunidade a todos de utilizarem as vias para si mais sensíveis. "Sempre o mesmo cansa", dizem muitas vezes os alunos.

Diferenciar é, de acordo com Perrenoud (1997, citado por Inácia Santana, 2000:30)⁹ *"romper com a pedagogia magistral - a mesma lição e os mesmos exercícios para todos ao mesmo tempo - mas é sobretudo uma maneira de pôr em funcionamento uma organização de trabalho que integre dispositivos didácticos, de forma a colocar cada aluno perante a situação mais favorável ao seu processo de aprendizagem."*

É essencial que as práticas pedagógicas desenvolvidas tenham em conta que *"os alunos são diferentes pela sua origem, aquisições anteriores, projectos, características, interesses e qualidades pessoais mutáveis e por isso se diz que cada aluno possui um ritmo próprio de aprendizagem"*. (Mona Engberg et al, 1995: 44)¹⁰

Neste sentido, a qualidade do processo educativo também dependerá do nível de diferenciação que o professor possa introduzir na gestão das actividades/tarefas de aprendizagem.

⁹ SANTANA, Inácia –Práticas Pedagógicas Diferenciadas. Escola Moderna, 2000, n.º 8, 5ª série.

¹⁰ ENGBERG, Mona; ORVALHO, Luísa; WOLFGANG, Kayser e outros - O professor Aprendiz - Criar o Futuro. 1ª edição, 1995. ISBN 972-9386-39-0

Na perspectiva de alguns autores, *"quando os alunos trabalham na mesma tarefa que outros alunos com níveis de competência próximos, ou quando todos os alunos trabalham na mesma área curricular mas em tarefas diferentes consoante o seu próprio nível, o efeito parece ser positivo. Quando se organizam situações em que todos os alunos realizam exactamente a mesma tarefa, o efeito tende a ser negativo."* (Mortimore et al, 1988), cit. por José Morgado, 2004 :87)¹¹



Esta diferenciação/individualização passa por organizar as actividades e as interacções de modo a que cada aluno seja frequentemente confrontado com situações didácticas enriquecedoras. *"É permitir que cada um aprenda ao seu ritmo, com os métodos que melhor lhe garantam o êxito, aprofundando os conteúdos e seguindo percursos pessoais em tudo compatíveis com os objectivos gerais"*, tal como enuncia Perrenoud (1985, citado em Programa de Educação para Todos, 1996:30)¹²

O professor deve procurar estratégias e metodologias apropriadas que se tornem facilitadoras de novas aquisições, aproximando-se das estratégias de aprendizagem de cada educando, pois *"cada aluno apreende determinado conhecimento de acordo com as suas próprias características que provêm do seu próprio saber, dos seus hábitos de pensar e de agir"*. (Ana Cadima, 1996:49)¹³

Ainda de acordo com Byers e Rose (1996), as actividades de aprendizagem só serão adequadas aos diferentes alunos se as mesmas assumirem determinadas características básicas, a saber:

- *"ser relevantes considerando a experiência do aluno e a sua motivação;*
- *respeitar os diferentes ritmos dos diferentes alunos;*
- *promover nos alunos atitudes de investigação e descoberta;*

¹¹ MORGADO, José – Qualidade na Educação – Um Desafio para os Professores. Colecção Ensinar e Aprender. Editorial Presença, 2004. ISBN 972-23-3250-3

¹² BOAL, M.ª Eduarda; HESPANHA, M.ª Cândida; NEVES, Manuela Borralho - Para uma Pedagogia Diferenciada. Programa de Educação para Todos: Cadernos PEPT 2000. 1ª ed., Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 1996. ISBN 972-95851-6-4

¹³ CADIMA, Ana - Diferenciação: no caminho de uma escola para todos. Noesis. (1996).p.48-51

- *ser organizadas numa perspectiva de resolução de problemas.*"(cit. por Jose Morgado, 2004:89)¹⁴



Parece igualmente consensual a importância atribuída à necessidade de proporcionar às crianças uma variedade de experiências que promovam e sustentem o desenvolvimento da linguagem. Assim sendo, é imprescindível que na sala de aula o aluno tenha acesso a múltiplas oportunidades para trocas verbais com colegas e professor, mobilizando as suas experiências anteriores e enriquecendo o seu desenvolvimento e o seu próprio processo de aprendizagem.

Cada aluno surge tanto como emissor como receptor, o que significa que cada interveniente tem a oportunidade não só de transmitir e apresentar informação, como de a receber, de confrontar as suas ideias com as de outros, promovendo-se desta forma uma aprendizagem cooperativa e activa.

Este tipo de pedagogia visa essencialmente "*promover a auto-aprendizagem tornando o aluno autor do seu processo de crescimento intelectual e sócio-afectivo. Baseando-se no trabalho de equipa cooperativa, considera, a par da responsabilidade individual, a responsabilidade por todos os outros e por cada um, (...) valoriza o processo e o produto do trabalho em grupo considerando o que cada um sabe, e que pode contar com o(s) outro(s)*". (Boal, et al, 1996:19)¹⁵

Estes momentos colectivos poderão ser particularmente úteis para a institucionalização e clarificação do que há para aprender, para iniciar algumas aprendizagens, bem como para regular a vida social da turma.

Por sua vez, o trabalho individual que pode ser mais dirigido pela própria criança, é importante para o treino e a consolidação das aquisições.

¹⁴ Idem.

¹⁵ BOAL, M.ª Eduarda; HESPANHA, M.ª Cândida; NEVES, Manuela Borralho - Para uma pedagogia diferenciada. Programa de Educação para Todos: Cadernos PEPT 2000, 1ª ed., Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 1996. ISBN 972-95851-6-4



Os momentos em que o professor dá um apoio mais directo a um aluno ou a um grupo de alunos que demonstram a mesma dificuldade, ajuda-os a superar os obstáculos contribuindo para que estes aumentem a sua autoconfiança e motivação para atingir novos progressos.

A pedagogia diferenciada, pressupõe uma partilha do poder com o aluno, havendo uma negociação acerca do tempo e das actividades que poderão realizar de acordo com os interesses e características individuais. Para que os alunos possam trabalhar de uma forma autónoma é essencial que exista uma diversidade de materiais e actividades que permitam que o professor fique mais liberto para dar apoio àqueles que mais necessitam. Assim, *"um dado aluno pode estar a trabalhar com um ficheiro, enquanto que um outro trabalha com materiais manipuláveis ou, outro ainda, recebe uma explicação do professor"*. (Meirieu, 1991, citado por Júlio Pires, 1996:60)¹⁶

Mas, para que o educador ajude os seus educandos a serem produtivos, é necessário que estes conheçam *"os objectivos didácticos e identifiquem as aprendizagens fundamentais de modo a planificar o seu estudo, a avaliar os seus conhecimentos e a identificar dificuldades,"* (Ana Cadima, 1996:51)¹⁷

Os alunos devem, desde o início do ano lectivo, ser envolvidos directamente e implicados no seu processo de aprendizagem tomando consciência do percurso a efectuar, das aprendizagens que terão que realizar, seja sob a forma de objectivos, de conteúdos, de actividades ou outra qualquer. É este "feedback" progressivo entre o aluno e o professor acerca do nível de conhecimentos que este foi/vai adquirindo,

¹⁶ PIRES, Júlio - Práticas de Planificações na Escola Moderna. Lisboa: I.P.C.E., 1996.p.54-65

¹⁷ CADIMA, Ana - Diferenciação: no caminho de uma escola para todos. Noesis,1996.p.48-51

que ajudará a criança a orientar a sua acção no caminho certo para a efectivação dos seus conhecimentos.



Para esta efectivação, "*a avaliação fornece pistas necessárias à superação das dificuldades que passam muito pela desmotivação do aluno que nem sempre é ajudado a conhecer e a explorar todas as suas potencialidades, nem a desenvolver, nomeadamente, atitudes de autoconfiança e positividade perante a vida (...)*". (Boal, et al, 1996:37)¹⁸

A avaliação deve ser uma parte integrante do processo de ensino e aprendizagem - os professores devem proporcionar aos alunos a oportunidade para reflectirem no que realizaram e promover neles a capacidade para analisar sucessos e dificuldades. Por outra via, a "*avaliação e o registo não constituem um objectivo em si - são instrumentos ao serviço do professor e dos alunos para a promoção e gestão da qualidade dos processos educativos com o objectivo último de promover, tanto quanto possível, o sucesso para todos.*" (José Morgado, 2004:86)¹⁹

No contexto do trabalho autónomo, a auto-avaliação formadora é um importante instrumento para que o aluno tome consciência dos seus progressos e das suas dificuldades, pois "*a avaliação formativa, que pode ser feita entre o professor ou/e com os colegas, fornece uma grande ajuda ao aluno na tomada de consciência das suas estratégias, progressos e dificuldades, permitindo-lhe que as possa aferir melhor.*" (Przesmycki, 1991, cit. por Júlio Pires, 1996:60)²⁰

Como forma de evitar que o aluno se disperse e ande à "deriva", bem como para apoiar a sua própria avaliação formativa, **a construção de planos individuais de trabalho** (que mais à frente desenvolveremos) ou de **outras formas de contrato**, é essencial.

¹⁸ BOAL, M.ª Eduarda; ESPANHA, M.ª Cândida; NEVES, Manuela Borralho - Para uma Pedagogia Diferenciada. Programa de Educação para Todos: Cadernos PEPT 2000, 1ª ed., Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 1996. ISBN 972-95851-6-4

¹⁹ MORGADO, José - Qualidade na Educação - Um Desafio para os Professores. Coleção Ensinar e Aprender. Editorial Presença, 2004. ISBN 972-23-3250-3

²⁰ PIRES, Júlio - Práticas de Planificações na Escola Moderna. Lisboa: I.P.C.E., 1996.p. 54-65

Segundo Meirieu (1991) "*é indispensável compensar a dispersão inevitável da diferenciação através da realização de um balanço privilegiado, de um lugar e de um tempo de controlo e de regulação das aprendizagens (...) um momento em que o aluno é levado, com a ajuda do professor e/ou colegas, a confrontar os percursos que utilizou com os resultados a que chegou. Porque é realmente neste confronto e nos seus reajustamentos a que dá lugar, que se constrói a autonomia do sujeito.*" (cit. por Júlio Pires, 1996:61)²¹

A pedagogia da diferenciação surge inequivocamente interligada a uma pedagogia da autonomia e de cooperação.


Ao aluno, como parte interessada no processo, sendo a avaliação entendida como instrumento regulador, cabe também o papel de se auto-avaliar e metac conhecer. No entanto, "*(...)uma avaliação conjugada entre professor e aluno exige registos sistemáticos da mesma, acompanhados de discussão, de comunicação constante entre eles para que fique bem claro no espírito de ambos todos os passos já dados e os que ainda faltam dar*". (Boal et al, 1996 :38-39)²²

Este tipo de pedagogia, que assenta numa negociação, o estabelecimento de um contrato sob a forma escrita e posteriormente numa avaliação, onde participam todas as partes envolvidas, apresenta algumas **vantagens** que visam sobretudo:

- "*(...) criar percursos diversos de aprendizagem (...) adequados às diferenças individuais(...);*
- *desenvolver nos alunos níveis elevados de motivação, melhorando as suas aprendizagens, tanto no domínio cognitivo, como no das capacidades e, conseqüentemente os seus resultados, sobretudo quando os alunos formulam o seu próprio plano;*

²¹ Idem.

²² BOAL, M.ª Eduarda; HESPANHA, M.ª Cândida; NEVES, Manuela Borralho - Para uma Pedagogia Diferenciada. Programa de Educação para Todos: Cadernos PEPT 2000, 1ª ed., Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 1996. ISBN 972-95851-6-4

- *desenvolver no aluno o sentimento de segurança e de responsabilidade, num ambiente de liberdade;* 
- *desenvolver a capacidade de autonomia;*
- *desenvolver a capacidade de negociação, de argumentação e contra-argumentação, bem como de vivência democrática activa;*
- *o processo negocial entre o professor e alunos ajuda o professor a conhecer melhor os alunos". (Júlio Pires, 1996:64)²³*

Por sua vez, a regulação formativa é essencial para que o contrato não se torne um instrumento demasiado rígido, o que pode levar, a uma despersonalização e à quebra de motivação por parte dos principais intervenientes.

Partindo do princípio de que a avaliação é feita por ambas as partes envolvidas, o professor deve dedicar especial atenção à organização da sala de aula, principalmente ao tipo de materiais que são colocados à disposição dos alunos de modo a dar resposta à heterogeneidade dos grupos. Para tal, os instrumentos de trabalho deverão ser diversificados quanto ao tipo, conteúdo, níveis e dificuldades.

Ao pensar na organização da sala de aula pressupõe-se a existência de uma organização de recursos de apoio às aprendizagens substancialmente diferentes da situação de ensino expositivo (em modo simultâneo) que passam pela organização do tempo, do espaço e dos materiais de forma a manter todas as crianças ocupadas tendo em conta as suas aquisições anteriores, proveniências culturais, étnicas e linguísticas, bem como os seus diferentes ritmos, estilos e necessidades.

²³ Idem.



3.2 Condições Necessárias à Diferenciação

3.2.1 Organização e gestão do espaço, do tempo e dos materiais

A sala de aula apresenta-se como o local privilegiado da actividade de qualquer turma. Daí que, a organização e gestão do espaço, constitua um factor importante a ter em conta para a implementação de uma pedagogia que contemple a pluralidade das aprendizagens e pertenças, pois a *"forma como o professor os considera, constitui por si só, uma mensagem curricular que é, em si mesma, significativa para os alunos e para o próprio professor."* (Miguel Zabalza, 1993:147)²⁴

Quer isto dizer que a forma como este concebe a organização e gestão do espaço, reflecte de alguma forma o valor que lhe atribui, a função que lhe outorga e diz muito sobre o tipo de comportamento instrutivo e comunicacional que espera dos seus alunos.

Embora todos estes aspectos não possam ser dissociados entre si, relacionam-se com um conjunto alargado de outras questões que se repercutem nessa organização e gestão. Mas apesar desta complexidade é possível a definição de alguns aspectos que, em termos genéricos, permitem equacionar e reflectir sobre esta matéria. Ainda que, como referimos, a organização e gestão do espaço, do tempo, dos recursos e dos materiais sejam interdependentes, por facilidade metodológica, procederemos à sua diferenciação.

²⁴ RICHARD, Arends - Aprender a Ensinar. McGraw-Hill de Portugal Lda, 1995. ISBN 972-9245-75-9



Tal como temos vindo a evidenciar, uma utilização adequada do espaço disponível parece constituir um contributo importante para o trabalho educativo reflectindo-se não só no processo de aprendizagem como na qualidade do ambiente em que a mesma se processa.

As diferentes disposições que o mobiliário (carteiras e cadeiras) pode ter na sala de aula deve ser adequada às diferentes actividades que o professor pretende desenvolver (ensino em simultâneo, trabalho de grupo, Conselho de Cooperação, trabalho individual...).

A disposição das mesas em filas e colunas que reflecte uma organização mais «tradicional», representa a melhor forma caso o professor pretenda que a atenção das crianças seja direccionada numa única direcção (o professor). Neste caso, a interacção entre elas é pouco evidente, não sendo esta a mais adequada à realização de aprendizagens cooperadas.

Se pelo contrário, o professor pretende realizar trabalhos que implicam mais a participação dos alunos, este tem que dispor de condições mínimas que possibilitem o trabalho de grupo e mais interacções entre as crianças, nomeadamente uma disposição das mesas que permita que, vários alunos se possam sentar perto uns dos outros, favorecendo e contribuindo para uma dinâmica inter-grupal.

A organização da sala de aula está assim relacionada com o tipo de relação que o professor constrói com os alunos, bem como a dinâmica que pretende desenvolver com os mesmos.

Paralelamente, para que o espaço seja rentabilizado, é importante colocar materiais diversificados em sítios estratégicos, ou seja, criar áreas específicas para

certas actividades, como a pintura, a leitura, a matemática, as expressões..., entre outras.



A implementação destas áreas, tal como Meireu (1992) salienta "*não podem funcionar sem a existência de regras que devem ser instituídas na turma, quer sobre a utilização dos materiais, quer sobre as deslocações na sala, sobre o uso da palavra, etc... Estas regras devem ser claramente explicadas ou mesmo negociadas*" (Cit. por Júlio Pires, 1996, p. 60)²⁵ de forma a permitir o bom funcionamento da sala.

O que fica determinado deve ser registado num "mapa de tarefas diárias", passando este a ser orientador do trabalho de cada um. Periodicamente deve ser feita uma avaliação acerca de como as tarefas vão sendo executadas e, se necessário, feitos reajustamentos ou até mesmo incluídas novas funções.

No que diz respeito ao material educativo, é necessário reunir todo um conjunto de outros recursos (ficheiros de matemática, de problemas, de língua portuguesa, estudo do meio, livros de histórias, banda desenhada, entre outros) que, uma vez colocados nos espaços criados para as diferentes áreas de apoio ao programa, permitam aos principais actores, realizar aprendizagens e consolidações cada vez mais autonomamente.

A colocação de folhas de registo²⁶ de utilização para cada ficheiro na respectiva área, permite analisar mais pontualmente o nível de produções dos alunos assim como verificar quais as temáticas e o tipo de actividades mais utilizadas por eles durante o seu Tempo de Estudo Autónomo (que mais à frente explicitaremos).

É igualmente importante que, sempre que se introduza um novo material de trabalho, se explique previamente aos alunos a sua finalidade e a melhor forma de trabalhar com ele.

²⁵ PIRES, Júlio - Práticas de Planificações na Escola Moderna. Lisboa: I.P.C.E., 1996. p.54-65

²⁶ Ver anexo n.º 1

As paredes, apresentam-se como *"um espaço útil de grande potencialidade: é aí que se colocam quadros com a distribuição de tarefas, a planificação, o registo de observações ou de produções, para além dos trabalhos dos alunos,"* tal como refere Ana Cadima et al (1997:25)²⁷



Mas para que o professor consiga, de facto, que todos os seus alunos estejam ocupados, é importante partilhar com eles algumas formas de organização e gestão do tempo, para que estes saibam o que têm e o que podem fazer diariamente. Isso implica que, o *"tempo lectivo seja gerido e organizado em conjunto pelo professor e pelos alunos. Partindo do programa, ou seja daquilo que os alunos têm de saber e de saber fazer, e das possibilidades de trabalho que os materiais existentes na sala oferecem, o professor deve elaborar com os alunos, uma lista das actividades que podem realizar"*. (Ana Cadima et al, 1997:28)²⁸

Esta negociação com os alunos passa pela planificação conjunta do que podem executar de modo a que a gestão do tempo seja feita de uma forma mais articulada e envolvente. Para isso é importante que o docente, estructure a aula de modo a que os seus aprendizes saibam sempre o que fazer, como e quando fazê-lo, valorizando os objectivos escolares que se pretendem atingir.

Os professores eficazes devem, desenvolver uma atitude de flexibilidade e de experimentação sobre estas características da vida na sala de aula, tendo em consideração que cada aula é diferente e portanto os planos acerca do uso do tempo, do espaço e dos materiais devem ser ajustados às circunstâncias específicas, dando possibilidade de todas as crianças participarem activamente no seu processo de desenvolvimento global.

²⁷ CADIMA, Ana; GREGÓRIO, Carmo; PIRES, Teresa e outros - Diferenciação Pedagógica no Ensino Básico: Alguns Itinerários. Instituto de Inovação Educacional, 1997. ISBN 972-8353-38-3

²⁸ Idem.